

# (RE)ESCRITURA COMO RESISTÊNCIA: O NOVO ROMANCE HISTÓRICO LATINO-AMERICANO

Juliana F. T. Muñoz

**Resumo:** O novo romance histórico é um subgênero do romance histórico clássico que, embora tenha as suas origens na Europa, influenciou significativamente a narrativa dos escritores latino-americanos no século XIX. Assim como o romance histórico clássico, o romance histórico contemporâneo utiliza um cenário histórico ao construir a trama fictícia. No entanto, o novo romance histórico, ao contrário de seu precedente, adota uma postura crítica diante do relato histórico oficial. Propõe-se, por meio do presente artigo, traçar de forma breve e sistemática o desenvolvimento dessa nova expressão do romance histórico e apresentar suas principais características e funções.

**Palavras-chave:** Romance histórico clássico – Novo romance histórico – Literatura latino-americana contemporânea – Discurso historiográfico – Literatura de resistência.

**Abstract:** The new historic novel is a subgenre of the classic European historic novel, which, in spite of having its origins in Europe, influenced the narrative of the Latin-American writers in the nineteenth century significantly. Alike the classic historic novel, the contemporary historic novel uses a historic scenario whilst constructing the fictive plot. Nevertheless, the new historic novel, as opposed to its classic counterpart, adopts a critical posture towards the official historic report. We intend, with the present paper, to briefly and systematically outline, the development of this new expression of the historic novel and to present its main characteristics and functions.

**Key-words:** Traditional Historic Novel – New Historic Novel – Contemporary Latin-American literature – Historiographic discourse – Literature of Resistance.

## Introdução

Nas últimas décadas do século XX, os escritores latino-americanos reavivam o romance histórico, um gênero literário que havia sido de destaque na produção literária do século anterior, mas que durante várias décadas havia despertado pouco interesse entre os escritores na América Latina (TORRES, 2010, p. 2). O resgate do romance histórico começa a reproduzir-se no âmbito intelectual latino-americano a partir da segunda metade do século XX, alcançando seu auge na década de setenta. Esse movimento literário encontrou adeptos entre os mais renomados escritores latino-americanos, como Alejo Carpentier em Cuba, Gabriel García Márquez na Colômbia ou Augusto Roa Bastos no Paraguai. Segundo a especialista na área

Maria Cristina Pons (1996, p. 15), o surgimento do que se se denominou “novo romance histórico” deve ser considerado um importante fenômeno na história da literatura latino-americana, já que esse não somente recupera a escrita de romances históricos, já quase esquecidos, como marca uma mudança radical do gênero. De fato, mais que resgatar a essência do romance histórico clássico, o novo romance histórico propõe uma nova postura diante da interpretação da História e da historiografia (PONS, 1996, p. 16). Como mostraremos adiante, esse subgênero do romance histórico clássico buscará se distanciar dos aspectos formais que caracterizaram a narrativa no século XIX.

### **O romance histórico clássico**

De acordo com Georg Lukács (1966, p. 15), o romance histórico clássico nasceu no início do século XIX, aproximadamente no período em que testemunhava-se a queda de Napoleão Bonaparte. Ainda segundo o teórico, a obra literária que marcou o início do romance histórico como gênero literário foi *Waverley* do escritor escocês Walter Scott, publicado em 1814. A obra de Lukács, *O romance histórico (Der historische Roman)*, é considerada ainda hoje, mais de meio século após sua publicação original em 1955, como uma importante fonte de estudo do romance histórico clássico. Carlos Alexandre Baumgarten (2000) resume em seis aspectos as características básicas do romance histórico clássico, apontadas por Lukács:

- a – traçam grandes painéis históricos, abarcando determinada época e um conjunto de acontecimentos;
- b – a exemplo dos procedimentos típicos da escrita da História, organizam-se em observância a uma temporalidade cronológica dos acontecimentos narrados;
- c – valem-se de personagens fictícias, puramente inventadas, na análise que empreendem dos acontecimentos históricos;
- d – as personalidades históricas, quando presentes, são apenas citadas ou integram o pano de fundo das narrativas;

e – os dados e detalhes históricos são utilizados com o intuito de conferir veracidade à narrativa, aspecto que torna a História incontestável;  
f – o narrador se faz presente, em geral, na terceira pessoa do discurso, numa simulação de distanciamento e imparcialidade, procedimento herdado igualmente do discurso da História.  
(LUKÁCS apud BAUMGARTEN, 2000, p. 170)

Para Lukács (1966, p. 44, 58-59), trata-se no romance histórico, mais do que da reprodução de um acontecimento passado, de um resgate poético dos seres humanos que presenciaram determinados momentos históricos. O romance histórico dá vida, assim, aos indivíduos fictícios e reproduz seu sentimento e pensamento diante de acontecimentos sociais e individuais. Por meio da tematização das forças históricas, sociais e humanas decorridas, ele busca, além disso, revivificar o passado e o converte em pré-história do presente. É, portanto, mediante o olhar ao passado que busca-se explicar o presente. Ambas as instâncias, passado e presente, estão no romance histórico, portanto, intrinsecamente ligadas.

A grandeza de Walter Scott, de acordo com Lukács, está, desse modo, na vivificação de tipos histórico-sociais e na reconstrução do confuso caminho que conduziu à formação da nação inglesa e do caráter nacional. As guerras napoleônicas haviam provocado o nascimento de um sentimento nacional, o que levou, nesse período, ao aumento do interesse por parte dos leitores pela história nacional (LUKÁCS, 1966, p. 22-23). Walter Scott buscou, assim, por meio de um processo de resgate da memória coletiva e de posicionamento diante da História, lidar com as transformações políticas e sociais que ocorriam no continente. Reescrever o passado significou, nessa época marcada pelo Romantismo, reconhecer-se dentro de um processo ainda incerto, firmar uma postura diante de acontecimentos que mudavam para sempre a estrutura desses países e redefinir a própria identidade (PONS, 1996, p. 84).

Embora o romance histórico clássico tenha nascido na Europa, ele repercutiu vastamente no continente americano. Os países da América Latina

também passavam por importantes transformações sócio-políticas durante o século XIX. A maioria desses lutavam ou haviam lutado recentemente pela própria Independência. Os intelectuais latino-americanos consideravam essencial, por meio de um processo de distanciamento e diferenciação da metrópole, construir uma identidade própria e individual. Com esse intuito, eles se apropriam do passado e fazem do romance histórico um meio para firmar valores e definir uma cultura que pudesse ser chamada de nacional. Como observa Lavorati/Teixeira (2010, s.p),

O romance histórico clássico passa a servir de instrumento para a exaltação e consolidação do sentimento nacionalista que, com o objetivo de resgatar uma história passada, passa a ser agente dessa história, construindo uma versão que sirva a interesses de hegemonia e supremacia.

O romance histórico clássico do século XIX, portanto, não desempenhava na América Latina uma função essencialmente estética. Ele foi antes de tudo um instrumento didático de complemento à historiografia que pautou valores de pertinência diante de um passado colonial. Como veículo de ideias e ideais, ele legitimou o pensamento liberal e ratificou o poder, contribuindo para a construção ideológica das nascentes repúblicas na América Latina. Visto que a classe letrada latino-americana era a mesma que formava a elite econômica, isto é, o grupo hegemônico do poder, os romances desses escritores devem ser lidos como a projeção das preferências da elite liberal que, no século XIX, teve como máxima a seguir as ideias sobre civilização, ordem e progresso propagadas pelos intelectuais na Europa (PONS, 2000, p.142). O romance histórico não desaparece durante o século XX, mas, com o desenvolver das vanguardas latino-americanas e do modernismo no Brasil, se torna cada vez menos recorrente no continente. O romance histórico só volta a popularizar-se na América Latina na segunda metade do século XX.

## **O surgimento de um novo romance histórico**

O romance histórico ressurgiu na América Latina como consequência de diferentes fatores. Segundo Lavorati/Teixeira (2010, s.p.), foi a expansão da área de atuação da História, assim como o diálogo da mesma com outros saberes, tais como a sociologia, a psicologia social e a antropologia, que propiciaram a formação e o desenvolvimento do novo romance histórico no século XX. Diferente do romance histórico clássico, essa nova narrativa teria nascido, portanto, num contexto de alta pluralidade e interdisciplinaridade. O acesso a outras disciplinas teria possibilitado novas formas de apropriação do histórico, expandindo, assim, as suas formas de interpretação.

Como possível causa para a proliferação do novo romance histórico no século XX, Botoso (2009, p.113) aponta para a comemoração dos 500 anos da descoberta do continente americano. Os escritores latino-americanos sentiriam, com o aproximar-se de dita data, a necessidade de revisar a história oficial. Celebrar a descoberta é, até certo ponto, comemorar a colonização, aclamar seus heróis e festejar a introdução da cultura e da civilização ocidental na América Latina. Essa nova narrativa, contudo, não quer exaltar personagens históricos já enaltecidos. Ao contrário, ela se propõe mostrar o lado dramático e oculto dos momentos que marcaram a história desses países.

Por último, Pons (1996, p. 20-22) acredita que o romance histórico ressurgiu no século XX na América Latina como consequência das desilusões experimentadas pelos romancistas nos anos cinquenta e sessenta diante do fracasso dos movimentos libertadores. O insucesso das lutas urbanas e o ressurgimento das ditaduras militares na década de sessenta, desmantelaram o otimismo e a esperança, que até então motivavam os intelectuais, de poder estabelecer uma nova ordem. A década de setenta se concretiza, assim, como um período de grandes crises políticas nos diferentes países latino-americanos. Esse momento histórico de incertezas políticas desencadeia nos anos oitenta uma forte crise econômica. Mais uma vez, os

latino-americanos se encontram diante de um futuro incerto e olhar para o passado surge como uma possibilidade de repensar o futuro. Os escritores na América Latina, aderindo a uma discussão iniciada na Europa Ocidental no mesmo período, dão início a um debate sobre a validade das narrativas do século XIX. Eles discutem sobre a necessidade de romper com os paradigmas e modelos ideológicos que pautaram o pensamento pátrio e dominaram a história em um momento crucial na construção das identidades nacionais.

Segundo Pons (1996, p. 22) é, portanto, nesse marco histórico, regional e global que surge o novo romance histórico “testigo de la creciente distancia entre las promesas del capitalismo y la realidad del presente histórico en las que se enclavan”. Também Linda Hutcheon (1989, p. 12) concorda que é nos anos sessenta que pode ser observado um interesse maior por parte dos romancistas latino-americanos em abordar acontecimentos históricos em suas narrativas. Segundo a estudiosa, essa postura ou preocupação pelo passado pode ser interpretada como “a need to find a particularly American voice within a culturally dominant Eurocentric tradition”.

É assim que o romance histórico, após décadas de produção esporádica, volta a ser de interesse intelectual e alcança enorme proeminência nos anos setenta na América Latina. A crítica literária tende a localizar o surgimento do denominado novo romance histórico na obra do cubano Alejo Carpentier *El reino deste mundo*, publicada em 1949. O romance inaugura o tema do “*real maravilloso*” na América Latina, narra de forma crítica a história da Revolução Haitiana e aborda a questão dos conflitos raciais e da imposição de poder do colonizador no Haiti. Considera-se que essa obra já apresenta diversos aspectos que caracterizaram o novo romance histórico latino-americano, em especial aquele produzido a partir dos anos setenta do século XX (BAUMGARTEN, 2000, p. 170; SANTOS, 2008, p. 2).

## **Reescrever como resistência**

Parece ser consenso entre os estudiosos que a principal característica do novo romance histórico é sua atitude crítica diante da historiografia. É notório, nesses romances, o desejo por parte dos escritores latino-americanos de questionar o relato histórico oficial e escrever sua própria versão dos acontecimentos no passado, livres dos laços conceituais criados pela modernidade europeia no século XIX (GRÜNZMACHER, 2006, p. 148; XAVIER, 2011, p. 2). Como observa Garlindo (1999, p. 39) acertadamente, “la novela histórica actual, parece hacer suya aquella idea de Foucault de que todo discurso es un espacio desde el cual se ejerce el poder”. A reescrita do passado implica, portanto, uma desconfiança e rechaço do discurso historiográfico e das versões oficiais da História. Partindo da premissa de que os relatos históricos são construções embasadas no poder e que refletem o ponto de vista individual do narrador e não uma realidade, o romance histórico contemporâneo questiona a possibilidade de conhecer e reconstruir um passado histórico. O novo romance histórico latino-americano pode ser lido, portanto, como um discurso dessacralizador que rejeita as interpretações do passado como explicação de uma identidade. Ele coloca em evidência o processo de “invenção da América” (AÍNSA, 2006). A construção do imaginário sobre o continente americano não foi espontânea ou natural, mas sim provocada, gerada, buscada (AÍNSA, 2006, p. 2). A historiografia contribui de forma significativa para a construção de um imaginário identitário.

A fim de por em evidência as possibilidades de interpretação do relato histórico oficial, alguns desses romances ficcionalizam um acontecimento histórico documentado, tais como a descoberta da América ou a própria Independência, desde um ponto de vista diferente. Outros optam por revelar o lado oculto ou silenciado da História e dão vozes a personagens marginalizados como os negros, os índios, e as mulheres. Todos esses, contudo, evidenciam a impossibilidade de conhecer a realidade histórica (GALINDO, 1999, p. 39-41; PONS, 1996, p. 16).

No intuito de desconstruir o relato histórico oficial, os autores latino-americanos recorrem a uma série de estratégias discursivas. É, por exemplo, um aspecto comum nessas obras uma tendência à abolição da “distância épica”. Por meio da narração em primeira pessoa, da introdução do monólogo interior e do uso de diálogos coloquiais, busca-se diminuir a distância entre o passado histórico e o presente. Ao mesmo tempo, procura-se construir o narrado mediante a introdução de diferentes vozes e visões do mesmo acontecimento. Essas relativizam e questionam a veracidade do relato histórico oficial. É característica também do novo romance histórico a desconstrução e degradação de personagens considerados importantes para a nossa história, tais como os heróis nacionais. Essas figuras históricas são desacreditadas por meio de uma representação irônica ou paródica de sua imagem e são obrigados a descer do pedestal em que foram colocados nas escrituras do século XIX. Assim, essa narrativa se caracteriza também por seu caráter lúdico, pelo humor, pelo carnavalesco, pela exaltação do popular, do terreno, do corporal e do erótico (GRÜNZMACHER, 2006, p. 148; PACHECO, 2001, p. 214 TORRES, 2010, p. 6). Finalmente, é um elemento constituinte do novo romance histórico o anacronismo e a representação fragmentada do narrado. Para Pacheco (2001, p. 15)

La fragmentariedad y limitación de la perspectiva es otra de las estrategias rupturales características de nuestro corpus. En efecto: fragmentar el discurso y elidir una visión comprensiva, capaz de englobar y explicar el sentido del conjunto es en efecto otra manera de infringir la convención del relato histórico-novelesco. La novela se presenta entonces al lector no como el conocimiento completo y organizado, resultante de una investigación concluida y exitosa, la que otorga una ventajosa perspectiva panorámica y global; sino más bien como una indagación en proceso, como un conjunto (casi siempre incompleto o defectuoso) de piezas de un rompecabezas aún a medio armar.

Trata-se, assim, de uma narrativa genuinamente contemporânea, que apresenta traços próprios da literatura moderna, como a alteração ou



questionamento da realidade por motivos estéticos ou filosóficos, multiplicidade de discursos, de vozes e pontos de vista e crítica do texto partindo do próprio texto. Embora pareça paradoxo, o novo romance histórico, ao retomar os acontecimentos e discursos situados em um passado longínquo, expressa sua mais profunda crítica ao modelo social e político atual (GARCÍA, 2004, s.p.).

Como mencionado brevemente acima, o novo romance histórico se apropria da imagem de personagens históricos, cuja exaltação contribuiu para a formação de conceitos e valores nacionais, para desfamiliarizá-los e desmitificá-los. Diferente dos romances históricos clássicos, o novo romance histórico buscará construir a imagem desses personagens como a do anti-herói, seja apresentando-o como uma figura de caráter duvidoso, como é o caso do personagem Cristóvão Colombo no romance *El arpa y la sombra* (1978) do escritor Alejo Carpentier, seja por sua representação como débil e humano. Assim, esses romances não dão ênfase às grandes conquistas, mas dão preferência à narrativa de aspectos inéditos, íntimos ou privados das proeminentes figuras. Isso é o que vemos fazer Gabriel García Márquez em *El general en su laberinto*, ao apresentar o revolucionário Simon Bolívar nos seus últimos dias de vida, doente, fragilizado, seu corpo deteriorado e fragmentado (LAVORATI/TEIXEIRA, 2010, s. p.; PACHECO, 2001, p. 212). Como observa Pacheco (2001, p. 213)

[...] la renuncia a las visiones globales, explicativas, omniabarcantes, y esta opción por dimensiones accionales menos ambiciosas se manifiesta en todas las vertientes de nuestra narrativa actual, ya que se halla en perfecta concordancia con los imaginarios finiseculares y las sensibilidades posmodernas. Se trata en efecto de una estética, podríamos decir, metonímica, según la cual el todo está en la parte, y donde se produce por tanto una legitimación cada vez mayor de la validez cognoscitiva de las experiencias y perspectivas particulares, por fragmentarias y anónimas que ellas pudieran ser.

Essa abordagem ficcional que se caracteriza pela fragmentação e pela justaposição de ideias e conceitos, se denominou “intra-histórico” (PACHECO,

2001, p. 213). Ao mesmo tempo em que essa proposta intra-histórica revela momentos íntimos de personagens históricos, ela também dá voz a personagens silenciados pela historiografia oficial, deslocando grupos marginalizados para o centro da narrativa. É, assim, por meio da reconstrução fictícia do passado que obtemos a versão dos vencidos, subjugados e excluídos do projeto de construção nacional. Em especial, protagonizam nessas narrativas as mulheres, como a negra Maria Kumbá no romance *Cielo de Tambores* (2003) de Ana Gloria Moya. Os novos romances históricos permitem assim que personagens, antes silenciados possam narrar a própria história. Para Pons (2000, p. 155-156), a intenção desses escritores é clara: se trata de contar a história “desde abaixo” outorgando protagonismo a figuras esquecidas ou socialmente excluídas que atuaram no processo de construção da nação desde as margens. Por isso, uma tríada temática que se faz presente em grande número dos recentes romances históricos é: a conquista, a dominação e o extermínio. Por meio da ficcionalização dos momentos de conflito que marcaram a História e o desenvolvimento das nações latino-americanas, tais como as guerras de Independência, é possível apresentar o lado negativo dos supostos heróis, como os fracassos, as traições e as derrotas e, ao mesmo tempo, construir novos heróis, indivíduos marginalizados que na ficção recebem nome, história, voz, importância. Ao deslocar o marginalizado para o centro da ficção e atribuir-lhe uma função na obra e no processo histórico narrado, o escritor latino-americano contemporâneo busca oferecer ao leitor uma versão alternativa do passado histórico.

A intenção desses escritores é, portanto, problematizar o discurso histórico questionando sua legitimidade por meio de uma releitura crítica que busca resgatar a voz do sujeito negado, silenciado ou perseguido (TORRES, 2010, p. 3). Ficcionalizando o momento histórico, o escritor latino-americano não só oferece uma versão diferente do oficialmente documentado, ele sugere que o romance tem o mesmo valor cognoscitivo que a historiografia oficial. Os romancistas propõem, portanto, que o discurso histórico não seria mais verídico do que o discurso

narrativo. Além disso, ao desconfiar da veracidade do discurso historiográfico, o romancista sugere que seu texto revela algo radicalmente novo sobre o passado e sobre os mecanismos da historiografia, algo que até agora havia sido cuidadosamente oculto.

Partindo da premissa de que todo discurso historiográfico é influenciado pela memória, pela tradução, pela interpretação, pela invenção ou pela ausência de fontes históricas, o escritor contemporâneo na América Latina chega, assim, à conclusão de que ele tem o direito de substituir a história oficial por sua própria versão, inventada, porém, mais “justa” desde um ponto de vista pós-moderno, visto que busca resgatar e apresentar a visão das minorias e dos grupos marginalizados (GRÜNZMACHER, 2006, p. 160). Desse modo, os romancistas não só rejeitam a versão oficial da história, mas também buscam substituí-la por uma variante que privilegie o ponto de vista dos perdedores e marginais, favorecendo uma linguagem original que expresse a realidade do não dito, do silenciado e do apagado pelo código linguístico imposto e por uma ordem opressora (GRÜNZMACHER, 2006, p. 149; PONS, 1996, p. 100).

Por meio dessa substituição de um discurso “falso” por um “verdadeiro”, os escritores latino-americanos chamam a atenção para a necessidade de repensar as bases da própria identidade nacional. Como observa Pons (1996, p 264),

[...] al mismo tiempo que aboga por una identidad heterogénea de América Latina, la novela histórica de fines del siglo XX responde a la búsqueda de una redefinición de una identidad (pero ya no una identidad nacional e impuesta desde una posición hegemónica de poder, como lo hizo la novela histórica tradicional), sino que se trata de una búsqueda de una identidad de una diferencia y/o de identidad regional de resistencia al efecto homogeneizador del proceso de globalización en el que se enclavan.

Uma das características desse subgênero do romance histórico é, assim, a preferência pela representação do regional, do local e do nacional. Os escritores se preocupam em apresentar a natureza e a realidade latino-americana desde um

ponto de vista mítico, mágico e universal. A meta não é mais, como havia sido no século XIX, apresentar o discurso histórico na ficção de forma realista, mas sim privilegiar a representação das dimensões míticas extraespaciais e extratemporais da realidade latino-americana (PONS, 1996, p. 101). É nesse momento que vemos surgir o conceito de “*real maravilloso*” na obra de Alejo Carpentier e do “*realismo mágico*” nos romances de Gabriel García Márquez.

Como mencionado acima, os escritores latino-americanos presumem que toda historiografia oficial apoia sistemas de poder. Assim sendo, julgam que a História é sempre um discurso forjado, pois visa sustentar esses mesmos sistemas. Esses romancistas acreditam, portanto, que o relato histórico oficial é uma construção que desempenhou uma função importante na legitimação de relações de dominação no passado e consolidou as bases para a manutenção dessas mesmas relações nos dias de hoje. Destarte, como aponta Grünzmacher (2006, p. 158), os novos romances históricos tratam, “de la descolonización intelectual y cultural y, al mismo tiempo, del cuestionamiento de la legitimidad del sistema en vigor”. Observa-se, assim, que a crítica, explícita no romance histórico contemporâneo, se dirige somente indiretamente a historiografia. O problema abordado nessa nova narrativa não é, portanto, propriamente de caráter epistemológico, e sim político e de dominação (PONS, 1996, p. 263). Os escritores desses romances desconstruem a imagem da História oficial como representante de uma realidade absoluta para revelar os processos ocultos de formação do mesmo relato histórico.

O novo romance histórico, desse modo, ao lançar a mirada ao passado, fala, de fato, de problemas atuais. É uma narrativa que está intimamente ligada à contemporaneidade e problematiza a realidade por meio da reinterpretação do passado. Ela expressa a necessidade de romper com o silêncio imposto pela colonização. (Re)escrever o passado significa, assim, reinventar, repensar, redefinir e reivindicar uma nova identidade. Uma identidade que não tenha como base as ideias e conceitos construídos e impostos no passado. Os romancistas, assim, ao

desconstruir a imagem de personagens consagrados pela História e questionar a legitimidade de momentos históricos divulgados como verdades absolutas, oferecem resistência a um discurso endossado pelo poder e possibilitam novas formas de olhar para o presente e para o futuro.

### **Considerações finais**

O romance histórico na América Latina desempenhou um importante papel na divulgação de valores que contribuíram para a formação de uma identidade nacional durante o século XIX. Essa identidade, no entanto, foi construída por meio de um processo contraditório. Por um lado, exaltou-se um passado mítico e pré-colonial, considerado genuinamente latino-americano, por outro tomou-se como base parâmetros e valores europeus ao pensar-se o projeto de nação e ao projetar-se a nacionalidade. O relato de “verdades” históricas contribuiu para a construção de uma imagem e identidade latino-americana embasada nos conceitos e interesses de uma elite oitocentista e ocultam as vozes dos marginalizados.

O novo romance histórico se expressa, entretanto, de forma muito diferente daquele do século XIX e tem como função questionar a legitimidade do discurso histórico oficial e repensar as bases que formaram a identidade nacional dos países latino-americanos. Com esse intuito, os escritores contemporâneos de diversos países na América Latina se apropriam do discurso historiográfico para desconstruí-lo e substituí-lo por um mais “justo” e “verdadeiro”. De forma anacrônica, paródica e humorística, o escritor baixa personagens históricos preconizados dos seus pedestais, ao mesmo tempo em que dá voz a grupos marginalizados como as mulheres, os negros e os índios. “Desde abaixo”, o escritor reconstrói o relato histórico e propõe que sua versão não é menos verdadeira do que a oficial. Ao assim fazer, o romancista questiona a possibilidade de conhecer a verdade histórica e aponta para possíveis forças e poderes que influenciaram a

historiografia. Revisitar e (re)escrever o passado é considerado, assim, de suma importância porque nos faz repensar a própria identidade como latino-americanos. Rever o que fomos implica como consequência inevitável a discussão do que somos e queremos ser.

### Referências Bibliográficas

AÍNSA, Fernando. El mundo como invención. *Encuentros en Verines*. Casona de Verines, Pendueles (Astúrias), p. 1-9, 2006.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. O novo romance histórico brasileiro. *Via atlântica*, n. 4, p. 168-176, out. 2000.

GARCÍA, Luis Britto: Historia oficial y nueva novela histórica. *Cuadernos del Cilba*. Revista del centro interdisciplinario de literatura hispanoamericana, año 6, no. 6, 2004.

BOTOSO, Altamir: A presença da história na ficção latino-americana contemporânea. *Illuminart*, vol. 1, nr. 1, p.110-124, mar. de 2009.

GALINDO. Oscar: Nueva novela histórica hispanoamericana: una introducción. *Documentos Lingüísticos y Literarios*. V.22, p. 39-44, 1999. [www.humanidades.uach.cl/documentos\\_linguisticos/document.php?id=402](http://www.humanidades.uach.cl/documentos_linguisticos/document.php?id=402)

GRÜTZMACHER, Lukasz. Las trampas del concepto “la nueva novela histórica” y de la retórica de la *historia postoficial*. *Acta poética*. Vol. 27, nr.1, p. 141-168, primavera 2006.

HUTCHEON, Linda. Historiographic Metafiction. Parody and the Intertextuality of History. In: O'DONNELL, P. & CON DAVIS, R. (Eds.). *Intertextuality and Contemporary American Fiction*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1989, p. 3-32.

LAVORATI, Carla; TEIXEIRA, Nícia Cecília Ribas Borges. Diálogos entre ficção e História: do romance histórico clássico ao novo romance histórico. *Odisséia* (UFRN) (Cessou em 2006. Cont. ISSN 1983-2435 Revista Odisséia), v. 6, p. 1-8,

2011. Disponível em: <file:///C:/Users/Juliana/Downloads/2070-5827-1-PB.pdf>;  
Acesso em: 28/09/2015.

LUCÁKS, Georg: La novela histórica. Ediciones Era. México, D.F., 1966.

MELLO, Ludmila Giovanna Ribeiro de: Realidade ou criação? Um panorama sobre o romance histórico. *Icone*. São Luís de Montes Belos, v. 2, p. 123-135, jul. 2008.

PACHECO, Carlos: La historia en la ficción hispanoamericana contemporánea: perspectivas y problemas para una agenda crítica. *Estudios*. Revista de investigaciones literarias y culturales. Año 9, nr. 8, p. 205-224, Caracas, jul-dic 2001.

PONS, Maria Cristina: Memorias del olvido. La novela histórica de fines del siglo XX. Siglo Veintiuno Editores: México, 1996.

PONS, María Cristina: La novela histórica de fin del siglo XX: de inflexión literaria y gesto histórico, a retórica de consumo. *Perfiles latinoamericanos*. Facultad Latinoamericana de ciencias sociales Distrito Federal: México, nr. 15, p. 139-170, dic. 2000.

SANTOS, Donizeth Aparecido dos: O continente, de Erico Veríssimo, e Yaka, de Pepetela: romances históricos tradicionais? *XI Congresso Internacional da ABRALIC. Tessituras, Interações, Convergências*. USP – São Paulo, Brasil, p. 1-10, 13 a 17 de julho de 2008. Disponível em: [http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/045/DONIZETH\\_SANTOS.pdf](http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/045/DONIZETH_SANTOS.pdf); Acesso em: 25/03/2016.

TORRES, Ladys Jiménez: Apreciaciones entorno a la NNH en América Latina. *GILHEC – Grupo de Investigación en Literatura Hispanoamericana y Estudios Culturales*. Cartagena. Universidade de Cartagena, p. 1-7, 2010. Disponível em: <http://de.calameo.com/read/000794782bd262f7c82c4> ; Acesso em: 03/09/2015.

XAVIER, Márcia de Fátima. Literatura e História: os deslimites políticos do romance histórico contemporâneo. *Simpósio Internacional Literatura, Crítica, Cultura V: Literatura e Política*, 2011. Juiz de Fora: Darandina Revista Eletrônica, p. 1-12, 2011.

---

**Juliana F. T. Muñoz** é formada em Letras (esp., ital. e port.) pela Universidade de Colônia, Alemanha. Atualmente conclui o processo de doutoramento em Literatura Comparada em regime de co-tutela pela Universidade de Colônia e pela UERJ.